



Doutrina

Esta escreveu a Pai Américo e safu no jornal de 26 de Abril de 1952. Se fora em 74, poderia pensar-se em oportunismo. (Se os oportunistas tivessem espírito para tanto...!) Assim, é uma lição, tão económica de palavras quão substancial de conceitos e de realidades, a tantos socializantezitos que por aí andam falando sem nada dizer... nem fazer.

«Aqui de onde escrevo, vejo na encosta da mata uma data de trabalhadores ocupados com muros de suporte, terra-planagens e depósitos de água. Aqui de onde escrevo, não vejo, mas sei que andam outros tantos ou mais ocupados em obras nas Casas do Gaiato de Miranda do Corvo e do Tojal. E ainda, sem os ver, eu vejo outros trabalhadores, em mais terras, do País, a erguer casas do Património dos Pobres. Isto parece um desvio escandaloso do fim primário da Obra. Nos estatutos, nada há que justifique. O cuidado da população das casas é matéria obrigatória dos nossos trabalhos. Para quê outros?»

Porém, nós temos necessidade de pão e eu não sei de outra forma de conseguir, que isto de o dar aos Outros. Daí as obras da nossa Obra, que não podem nunca terminar.

Pouco antes do meio-dia, começam a entrar mulheres com açafates à cabeça. É o caldo dos trabalhadores. O sino da igreja dá a, doze. Os homens despegam. As suas mulheres já estenderam a toalha na relva e estão prestes a servir. Num instante e onde cada um escolhe, formam-se dezenas de grupos, que se poderiam chamar piqueniques, se aquilo não fosse uma coisa muito séria. É a presença de Deus! Entre os joelhos, o homem segura um covilhete de onde tira garfadas. Ao pé, coloca a esposa uma fatia de boroa que cozeu ontem à noite, e de onde ele parte e come quanto quer. Outra

Continua na QUARTA página

Aqui, Lisboa!

● Escrevemos estas linhas a 16, uma data que, na nossa óptica, em vez de nos entristecer, nos anima sempre e mais, na consciência plena e certa de que trilhamos o bom caminho. A fidelidade ao espírito de Pai Américo é a garantia de que estamos na rota do Evangelho, sempre novo e inesgotável nas Suas respostas aos problemas dos homens. Haverá modas, aliás nem sempre originais e os ciclos da Natureza repetir-se-ão, mas o essencial permanecerá, para lá dos progressos da ciência ou da técnica. Os tempos e as circunstâncias serão outros, mas o Homem, sujeito e objecto da História, passível de grandezas e de misérias, mesmo que obliterado pelas paixões e incoerências do agir, continuará, mesmo que o não queira ou se procure iludir a si mesmo, como fecundo e querido pelo Criador, quer dizer, projectado na transcendência pela volição de Quem o criou à Sua imagem e semelhança.

Amar, amar sobretudo os mais fracos, aqui e agora, prosseguirá pois como uma exigência, diríamos ontológica da Obra enquanto tal e, consequentemente, o que nem sempre é fácil, numa busca dinâmica da Justiça e da Verdade,

pela denúncia dos contravalores, na ultrapassagem humilde dos nossos próprios feitos e limitações, sem regatear energias ou olhar para trás. Como Pai Américo!

● Ao lado da mesa circular em que comemos, com o sr. Professor e o Rapaz mais antigo da Casa, situa-se a dos mais pequeninos. Estes, porque, em geral, se levantam mais cedo das suas cadeiras, acorrem a nós e, então, é que é bonito! Apalpam-nos o crânio já desprovido de cabelos, dão-nos comida na boca, querem-nos obrigar a comer mais ou tiram a loiça da mesa, etc.! São momentos cheios, a exigirem paciência e atenção, que nem sempre podemos dispensar, por mal dos nossos pecados ou das dores de cabeça que a vida às vezes nos proporciona. Fica-nos, quando nos sujeitamos àquelas puras «se-

vícias», a consolação interior de termos procedido da maneira mais adequada, enquanto nos invade uma profunda tristeza por ver pais que, nem vivendo com os filhos, lhes permitem os mínimos contactos ou brincadeiras, em tudo muito semelhantes aos que abandonam os que geraram e que, infelizmente, são cada vez mais.

● As nossas Festas de Lisboa e de Loures correram da melhor maneira. No Monumental e no Cinema dos Bombeiros, respectivamente, cumularam-nos das maiores gentilezas. Aos Responsáveis e Pessoal de ambas as casas que-remos testemunhar a nossa maior gratidão. Os Amigos que viram a actuação dos «Artistas» mostraram-nos uma vez mais que não estamos sozinhos.

Padre Luiz

NOTA da QUINZENA

Não é minha. É de Pai Américo. Sufu no n.º 209 do nosso jornal, começava o mês de Março de 1952.

«Ontem foi o dia, e isto acontece com frequência, em que inutilizámos todos os livros de uma grande remessa, de algures. Eram da colecção «Vampiro». Outras vezes, são revistas que levam o mesmo caminho.

Eu fico a cismar e tenho medo do mundo. Esta sorte de leitura é-nos enviada por assinantes que simpatizam. São amigos. É gente de bem. Gostam que os rapazes leiam, uma vez que sabem das nossas bibliotecas.

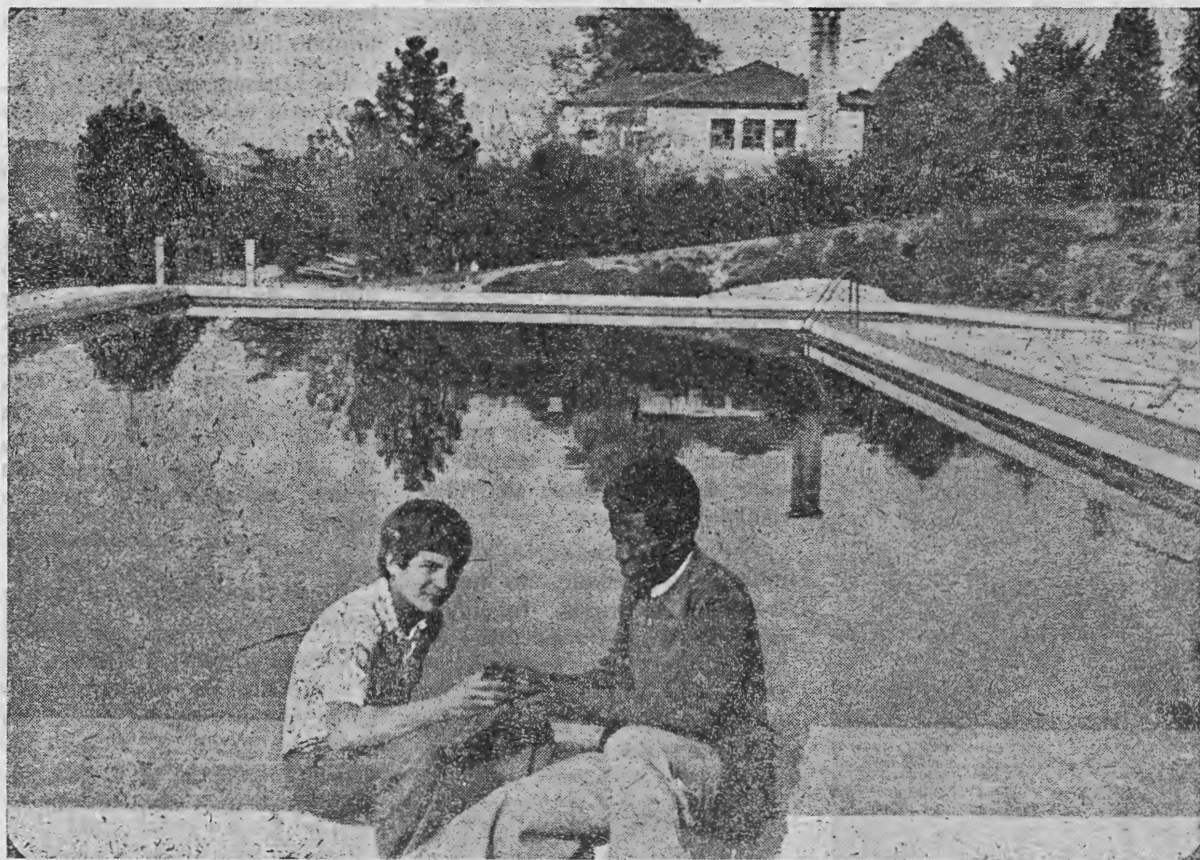
Supõe-se que as remessas são feitas por famílias respeitáveis, cujos filhos leram e acharam bem, tanto que desejam enviar a outros — e fazem-no.

Não compreendem! Não distinguem! E é justamente isto que eu temo. Eu tenho medo do mundo. O bom seria que todas as livrarias fossem reguladas como nas farmácias; em cada uma um técnico responsável que examinasse antes de entregar. Mas como assim não é; como quem quer pode escrever o que quiser — eu estou hoje aqui a pedir aos nossos amigos que não sejam fáceis em mandar pelo correio encomendas de livros usados.»

Se então com razão de ser, que havemos de dizer hoje?! A tarefa daquele tempo ocupa-nos muitas e muitas vezes: rasgar, queimar. Há material que nem para o papel velho serve!

Não se pense que me refiro a essa literatura obscena que

Continua na 4.ª pág.



A nossa Aldeia de Paço de Sousa exprime beleza por todos os lados!

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Mesmo em tempo de férias, os nossos leitores correspondem aos SOS.

Por intermédio do Espelho da Moda — o nosso depósito no Porto — chegaram 100\$00 anónimos, o dobro da rua do Outeiro, 500\$00 do «Uma portuense qualquer», 100\$00 «por alma de Maria Alice».

«Uma portuense qualquer» torna com 500\$00:

«Este dinheiro foi retirado do meu subsídio de férias, ontem recebido, e, assim, procuro dar graças ao Senhor por esta felicidade de ter emprego numa época em que tantos Irmãos sofrem carências sem conta por falta de trabalho.»

Na mesma linha, mais 500\$00 de uma Viúva. São presenças que devemos ouvir:

«Acabo de receber o aumento da minha reforma. Ai vai inteirinho. Quero repartir pelos que têm menos que eu e também por alma de meu Marido e de minha santa Mãe que junto do Senhor peçam por uma neta doente.»

Não julguem que tenho uma reforma grande; são dois contos e, agora, passa para mais quinhentos.»

Mais 200\$00 «duma senhora amiga», por intermédio da assinante 28053, que afirma, ainda:

«Perdoai-me aparecer tão poucas vezes, mas sou uma velha professora primária reformada antes do 25 de Abril e isto quer dizer tudo. No entanto, sempre que possa, não deixarei de marcar presença.»

Rua da Lapa, Lisboa, 100\$00. Cinco vezes mais da Covilhã, «pequena ajuda que é feita com sacrifício e só desejo que o Senhor Deus toque o coração de muita gente». Votos que não podemos esconder.

Rua do Carneiro, Porto, 50\$00. O dobro da assinante 19177, também do Porto. Senhora muito amiga, de Avei-

ro, 500\$00. Mais 100\$00 da assinante 28500. O dobro da rua Augusto Gil, Porto, «migalhinhas habituais de Junho e Julho para os nossos Irmãos pobres».

Leitora do Mangualde vai «passar uns dias com os pais, mas antes quero pôr as minhas centas em dia com a Conferência. Para isso, segue pelo correio um vale de 300\$00».

Boas férias!

Terminamos com a simpática presença de um leitor de Lagoa (Algarve) com um donativo para a Auto-construção. Neste sector vamos distribuindo às mãos cheias; ou sejam três mil escudos por cada Auto-construtor. Mas, infelizmente, essa importância dá para pouco mais de duzentas telhas — que estão caríssimas!

Júlio Mendes

Praia de Mira

É onde nos encontramos, uma vez mais, desde 27 de Junho. Claro que os primeiros dias não foram para descanso, de férias, pois a casa precisava de limpeza por todos os lados; limpeza a fundo, foi o que procurámos fazer e fizemos, todavia, muito à nossa maneira, próprio dos rapazes.

Limpámos... Limpámos e arrumámos muito até que conseguimos pôr tudo mais ou menos em ordem. Ficou tudo pronto para receber o primeiro grupo, constituído pelos mais pequenos, que deve chegar dentro de momentos.

Estou a escrever e vou pensando: tu que lês estas breves linhas podes pensar na alegria que sentirão estas crianças quando chegarem à praia! Alguns talvez nunca tenham visto o mar e a sua área tão vasta; as suas ondas que bramindo atingem uma altura de maneira que não seria nada agradável apanhar com uma nas costas. Outros já tinham visto praia, mas não a «nossa»; e ainda os outros que sentiam aquela palavra de sete letras — saudade. Sim, e quem não sentiria saudades de uma linda casa,

a mais confortável e acolhedora que se possa imaginar, rodeada de belas e florescentes jardins nos quais se encontra o carrocel e os baleços?

Que pena! E disso todos são culpados e temos quem nos acuse intimamente de não contribuímos para que todas as crianças possam disfrutar deste calor humano, desta alegria, deste saber à beira-mar e da liberdade que se sente quando corremos e reboamos por um infundável areal. Areal que continua, misturado com as águas salgadas nas quais sentimos e saboreamos a piscina marinha.

E os outros? Aqueles que nunca ou raramente aparecem à beira-mar e que têm mais necessidade do que, por exemplo, eu?!

Benjamin

Paço de Sousa

16 DE JULHO — Este dia, como já estão informados através do número anterior, para nós é festivo, apesar do morte de Pai Américo, que não é motivo de tristeza mas de alegria. Planeou-se irmos dar um passeio à Senhora da Graça em Mondim de Basto. Foi uma passeata bastante agradável.

Partimos daqui por volta das 9 horas. E, claro, tivemos que nos levantar cedo para termos tudo em ordem à partida. O levantar cedo não é problema para os mais dorminhocos quando toca a passear... Fomos em duas camionetas.

Acompanharam-nos, também, os músicos das nossas Festas, alguns dos nossos casados e as senhoras da rouparia.

Foi a casa em poço, excepto a sr.^a D. Hortense por motivos de saúde.

Pelo caminho tivemos ocasião de apreciar a paisagem que nos regaleu pela sua beleza.

Chegámos ao local combinado por volta do meio-dia. Em seguida tivemos Missa na capelinha da Senhora da Graça. Depois, o almoço que, como não podia deixar de ser, foi uma confraternização.

Descontraímos os músculos para a partida. Eram 16 horas quando ela se verificou. A meio caminho parámos para merendar.

Finalmente, em casa, cansados e já quase sem nos apetecer comer, só dormir.

O nosso comportamento foi bem positivo já que todos colaboraram e participaram o melhor que puderam.

O BARROS — O Barros, ao que me parece, é um rapaz que vive com qualquer problema, pois a idade dele é cheia de contradições. Tem 13 anos.

Frequentou o 1.^o ano da Telescola e reprovou. Não sei bem o motivo mas, pelo que me disse, sei que não andava por lá com muita vontade.

Nesta idade é muito natural que o Barros ainda não saiba muito bem o que quer e por isso terá de ser talvez ajudado a vencer essa dificuldade. Claro está que essa ajuda não pode ser só motivada pelos encarregados de trabalho nem pelos chefes, mas sim por todos os mais velhos que, como ele, já tiveram os mesmos problemas.

E tu, Barros, vai pensando melhor no que desejas e no teu futuro, além de nunca vivermos o futuro mas sim o presente. Com a nossa ajuda e a tua força de vontade irás andar p'rá frente fazendo ver a muitos teus colegas que és capaz de mais e mais.

«Marcelino»

A NOSSA EDITORIAL

Os títulos da nossa Editorial continuam a merecer o interesse e o bom acolhimento dos seus leitores. Por isso, temos livros esgotados; como, por exemplo, o segundo volume do PÃO DOS POBRES e o PORTA ABERTA — desejados por muita gente.

No entanto, continuamos a impressão do segundo volume do DOCTRINA, cuja actualidade permanece; característica peculiar do muito que Pai Américo nos deixou.

Já não falta quem suspire por esta obra! Na correspondência topamos legendas deste teor: «Quando o livro estiver pronto não se esqueçam de mim!»

E no que se refere a outras obras há para aqui um monte de correspondência que daria quase para uma edição especial de O GAIATO! Cada um, de per si, fala por todos. São cartas saborosíssimas que a gente tem pena, muita pena, de inutilizar; expressivas notas de um diálogo permanente que o tempo não corrói, nem pode corroer, porque fundamentado no Eterno.

Ora ouçam:

«Recebi o PÃO DOS POBRES. Não posso descrever a alegria que sinto sempre que recebo obras do Padre Américo. Já li metade do livro e se o não li todo é por estar a poupar, para mais tempo encher a minha alma de felicidade.»

Parece contraditório ao ler-mos a infelicidade dos nossos Irmãos sentirmos felicidade; mas não é pelas misérias deles; é sim pela grandeza de Deus que por intermédio do Padre Américo faz renascer tanto amor nos corações.»

Outra carta:

«Junto um cheque que é apenas uma maneira de mani-

festar a minha gratidão ao muito que sempre recebo da vossa Obra.

Através de O GAIATO, através dos livros de Pai Américo encontro sempre motivos para pensar e meditar nos problemas dos nossos Irmãos carecidos, que continuam por resolver; e nos caminhos que Pai Américo com a sua Obra, feita acção e palavra, nos quer ensinar a percorrer.

Por mim não passo duma discípula vacilante, mas ainda assim interessada e sempre inquietada.»

Mais outra:

«Na vida bruta de todos os dias que bom seria se pudéssemos pensar e meditar sobre o conteúdo das obras do Padre Américo!»

Tanto que se continua a esbanjar e tanta gente sem um mínimo indispensável...!

Eu também sou das que levam uma vida bruta nos supermercados, na casa, no emprego, etc. Pouco tempo para o espírito!

Actualmente, só desejaria não pensar, mas não me posso abster de pensar e de por vezes fazer minhas as revoltas, as frustrações e a angústia dos Outros. E é por isso que esta carta, que já devia ter sido escrita há dois meses, só agora é que arranhei um pouco de disposição para o fazer.»

Ainda fica muito, muito por revelar!

Chamamos, no entanto, a atenção dos nossos leitores — ainda não assinantes das obras da nossa Editorial — que poderão requisitar qualquer volume por um simples bilhete postal.

Júlio Mendes



Outra vista, bonita, na nossa Casa na Praia de Mira.

RETALHOS DE VIDA

O «Riera»



Sou o Henrique dos Santos Barros, «Riera», natural de Miragaia (Porto), onde nasci em 27/1/63.

Tenho três irmãos e duas irmãs.

A nossa família era muito pobre e infeliz!

Minha mãe, todas as tardes, ia lavar roupa para um tanque junto ao rio Douro. As vezes famos com ela, outras vezes ficávamos em casa. Mas, quando ficávamos, saíamos para a rua e minha mãe, quando vinha da roupa já lavada, não via ninguém e perguntava aos vizinhos por nós. Só aparecíamos à noite e ela ralhava.

O meu pai batia muito na minha mãe e dava cabo de tudo!

Quando ela ia às compras, eu mais o meu irmão famos ao açúcar e ela dava-nos com o chinelo.

Um dia, meu pai deu uma grande sova na minha mãe. Já farta de sofrer, abandonou-o. Tinha eu cinco anos e o meu irmão quatro. Ela fugiu com as nossas duas irmãs e mais um irmão.

O meu pai, depois de ser abandonado pela minha mãe, foi para a casa da minha tia, nas Fontainhas.

Nós fugíamos sempre à escola, porque o professor batia muito.

A nossa tia resolveu, entretanto, meter a mim e ao meu irmão na Casa dos Pobres, do Porto.

Como não estávamos, também, muito seguros na Casa dos Pobres, minha tia tentou arranjar melhor lugar, a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde estou há nove anos e o meu irmão há oito.

O meu pai ganhava o pão-de-cada-dia a engraxar sapatos no Jardim de S. Lázaro. Morreu, há cerca de três meses, no Hospital de Santo António, depois de muito sofrer.

Encontro-me muito contente, com meu irmão, na Casa do Gaiato. Estou a trabalhar na lenha e, às quartas-feiras e sábados, no bar.

Frequento o 1.º ano do Ciclo Preparatório TV. Sou vendedor de O GAIATO em Espinho, há dois anos, e despacho duzentos jornais.

Um grande abraço para os leitores de O GAIATO, principalmente para os espinhenses.

Henrique dos Santos Barros («Riera»)

Partilhando

Começou já a nossa praia. Atrasados um pouco, por causa dos exames da 4.ª classe que só agora terminaram com a percentagem de cem por cento de aprovações. Boa nota para os alunos e professoras.

O Zé «Galegos», por insistência da mãe e até como prémio de passagem, foi passar a festa de S. Pedro à sua casa. Levado pela irmã e trazido pela mãe, quis-me esta desabafar, em tom de brincadeira, um sentimento de certa mágoa a respeito do filho: — Olhe que ele disse-me que gostava mais da Casa do Gaiato que da minha. E ela lá se foi com um beijo do filho e um «porta-te bem, ó Zé». Neste momento, ele está na praia. E se estivesse em casa da mãe?... As crianças têm sempre alguma razão. Deixemo-las dizer...

O Félix, já pela sua falta de segurança ou mesmo porque um ou outro embirasse com ele, viveu, à última hora, o drama duro duma incerteza de ir ou não à praia. O Costa ameaçou-o com razão de sub-chefe, mas o susto já passou e a estas horas, o Félix já tudo esqueceu, até porque é muito distraído e as ondas, a areia, o sol quente, são tónicos de que não se devem privar as crianças deste nosso mundo tão nervoso e contraditório, logo que as condições materiais para tal, existam.

Foi o turno dos mais pequenos, o primeiro a mergulhar no mar.

É uma alegria a sua alegria de ir. Disseram adeus naturalmente porque a D. Maria An-

gélica lhes tinha ralhado, por um ou outro fazer intenção de gozar, com gestos de «meter raiva», os que ficaram, já sobrecarregados com as suas obrigações e ainda mais aquelas que os meninos deixaram. Uma falta de camaradagem! Um ralhete oportuno. E eu não vi nenhum sinal de «meter raiva» — que expressão chata! — mas apeteceu-me mesmo fazer a eles o gesto proibido, talvez por ciúmes...

Já a carrinha tinha desaparecido e o Amândio, com seu ar de filósofo anarquista que lhe vem dos óculos castiços, não se acanhou de me dizer: «Agora, o sr. tem menos que aturar». Era verdade só por um lado. O lado da quantidade. É que a vida, apesar disso, terá que correr normalmente — uma dificuldade na teoria e na prática, a boa vontade — o que é possível, se cada um ocupar o seu lugar. P'ra já, o Rafael da horta vê a coisa à sua maneira: a menos gente aqui,

corresponde um trabalho de copa melhor porque mais rápido.

O Rafael tem muito jeito para a pintura, mas tem dias em que a sua má disposição é tão expressiva que se ele a pintasse bem..., o quadro seria eterno no tempo porque mostraria, com tintas e pincéis, um mistério grande dos homens — o sofrimento!

O seu companheiro de trabalho, de levar a hortalíça toda do campo para a cozinha, é o Barros. Bem disposto e trabalhador, assim diz a senhora Maria da horta que vai lidando com eles ao longo do dia, dando-lhes também um pouco do carinho feminino que tanta falta lhes faz.

Assim foi mais um dia nos muitos dias do ano, com estas pequenas lembranças a dar coragem para o amanhã que se vai fazendo aqui, hoje, nem sempre com a Esperança toda, «à pressão»...

Padre Moura

Uma MULHER

Num dos últimos domingos fui celebrar um casamento numa freguesia vizinha da nossa Casa de Paço de Sousa.

Fui. Não conhecia os noivos nem a sua família. O dia estava chuvoso. Preparadas as mesas ao ar livre para que se gozasse melhor o sol de Junho, tudo estaria a postos se ele aparecesse. Mas o sol meteu férias para este lado e em seu lugar a chuva. Como arranjar lugar para todos dentro de casa, sendo ela pequena? Um problema que se foi resolvendo com preocupação grande para a dona da casa que viria a ficar sentada a meu lado.

Conversámos. Nos seus olhos brilhava a alegria pela felicidade da filha que estava a seu lado, cheia de esperança, junto daquele que era desde há pouco tempo o seu companheiro para os bons e maus momentos. Contento por esta filha. Mas fui sabendo mais. Há vinte e dois anos que vive uma outra filha sua que não fala, não vê, com o corpo comple-

tamente incapaz. Há vinte e dois anos que só come pela mão da mãe e muitas, muitas noites só adormece ao colo dela. Nos olhos brilhantes desta mãe coexistem a grande festa duma filha e a grande dor da outra.

Trabalha no campo quando pode, cuida dos filhosãos e ama de uma maneira especial aquela outra que a acompanha sempre e a quem chama a minha menina.

Olhando a cruz desta mãe, eu perguntava-lhe como consegue o ar sereno com que a vi tratar de tudo e todos. Respondeu-me: — Quando olho a minha filha, a dor que sinto faz-me achar pequenos todos os outros problemas da vida e assim ganho força para os suportar.

Neste mundo que tanto precisa de Amor, deverá brilhar a luz desta mãe... uma verdadeira Mulher.

Padre Abel

Auto-construção

A Família tem o direito a casa decente, com o mínimo de comodidade, matéria aliás já consignada na Lei fundamental do País.

Dai até à consumação das carências — inclusivé pelo afluxo de Refugiados — há uma distância incomensurável; que seria bem menor se vivéssemos plenamente a mística de trabalho alemã, japonesa, inglesa... após as graves desastres da II Guerra Mundial.

A falta de terrenos nos meios rurais (!), os loteamentos, as dificuldades burocráticas, os financiamentos, não falando de outros óbices como a fantástica subida (e a falta) de materiais de construção denotam uma precária ou quase inexistente planificação, que não pode estar à mercê de polí-cromas ideologias ou da poética inépcia seja de quem for, gerando frustrações atentórias do progresso e bem-estar do País.

Referimo-nos especificamente às dificuldades com que lu-

tam os interessados em casa própria, os Trabalhadores, construída em parte ou na totalidade por suas próprias mãos: os Auto-construtores.

Eles não viram ainda plenamente concretizados os seus direitos prescritos na Constituição. Tão pouco existe um serviço oficial ou para-oficial a nível local — sem intromissões paternalistas ou coloridas — que seja motor de motivação, coordenação e ajuda!

A Auto-construção, organizada ou meramente pessoal, é uma força que nenhuma força pode olvidar, muito menos bloquear.

É uma força que, nos meios essencialmente rurais — 90% do País — apesar de tudo tem aliviado e muito mais aliviaria o problema da habitação, nada menor do que nas cidades e seus vasadouros, exactamente zonas migratórias da população campesina.

É uma força com alto poder de fixação do Homem à terra,

qual pequenino polo de desenvolvimento, tão necessário em um País ainda hoje sem desenvolvimento regional que nos entre pelos olhos dentro!

É uma força que, racionalmente ordenada e, sendo eminentemente social, tem um extraordinário valor moral e económico; mais de acordo com a própria Natureza do que os bairros sociais ou as torres que enxameiam as grandes urbes, onde as Crianças — pobres Crianças! — são meros animais de capoeira...

É uma força que cria riqueza, reduz substancialmente os encargos da Nação; uma iniciativa particular de Trabalhadores rurais, cuja única fonte de recursos — na esmagadora maioria, repetimos — são as mãos calejadas, heróicas, o maior e mais vivo tesouro da nossa Pátria!

Júlio Mendes

NOTA da QUINZENA

Cont. da 1.ª pág.

proliferar por aí e, em passado muito recente, se exibia escandalosamente nos escaparates de livrarias e quiosques. Nem crianças, nem senhoras, nem pais acompanhados por seus filhos — ninguém estava imune desse espectáculo indecoroso que perturba naturalmente a entupida pela superabundância dela.

Agora, a razão e a moral recuperaram um pouco os seus direitos. Há maior discreção, mas não ainda o remédio radical que liberte a nossa juventude desta torrente bacilosa correndo em livre trânsito em nome da liberdade. É uma vergonha e um crime que se pague caro (como tantos outros...!), embora os criminosos continuem à solta, como vem sendo costume neste embriagado equívoco de liberdade em que se tem vivido.

A literatura de que falo é outra, que costumo designar por «pior do que má», porque vazia, porque inútil, porque deturpada e deformadora de quanto no homem há de mais nobre a salvaguardar e a construir. São as anedotas sem humor; são os romances sem gramática; são as foto-novelas em que se gastam milhares de contos em divisas; são as histórias aos quadradinhos que nada dizem e desabitua as pessoas de pensar e de julgar.

Declarámos guerra em nossas Casas a todos esses subprodutos que gastam e fazem subir a cotação do papel que falta para tanto escrito útil ao homem. Coisas dessas que aí apareçam, seja qual for o seu remetente, não têm outro destino que não seja o armazém do papel velho, depois de convenientemente inutilizadas, ou o fogo purificador.

E no entanto nós temos bibliotecas. E é verdade que nos

consome o desejo veemente de que a leitura fosse uma generalizada e gostosa ocupação dos tempos livres dos nossos Rapazes. E que temos já uma vasta gama de géneros literários para as variadas preferências das pessoas ou os diversos apetites de certas horas. Nós próprios, agora em repouso, escolhemos para este tempo livros de humoristas que contribuam para nos desintoxicar das grandes preocupações da vida e nos ajudem, até, a encará-la com mais sentido de humor, tão precioso no tempero das relações humanas! Mas entre este leque de opções e o vazio de que saturam os prelos mais comerciais que por aí prosperam — que abismo!

De vez em quando, os nossos cronistas lançam em seus escritos pedido de livros. Não é porque estejam esgotados os que temos. Ainda assim corroboramos os seus apelos.

Mas pedimos e esperamos que as normas de Pai Américo acima recordadas, com o sabor dos vinte e cinco anos que sobre elas passaram e lhes não retiraram nada do seu valor de actualidade, seja o critério de quem responde a tais apelos.

E, rasgar por rasgar; queimar por queimar — façam-nos o obséquio de nos pouparem a tal sobrecarga de cuidados.

Padre Carlos

CARTAS

● «Bons amigos:

É com imensa alegria que pela primeira vez entro em contacto convosco. E faço-o porque sou feliz, porque tenho Esperança e Fé em Deus.

A vossa Obra é a todos os títulos extraordinária e grandiosa e simultaneamente simples e pura.

Só vos posso dar uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma, mas vai o meu coração inteirinho, cheio de ternura e amor para todos vós.

Segue um cheque de 500\$, uma migalhinha dos meus presentes de casamento.

Penso em vós e peço a Deus pela continuidade do Bem que anda tão arredado de todos nós.

Da Teresa e do Carlos.»

● «Acabei hoje mesmo de receber o vosso jornal O GALATO de 2/7/77 com a mesma riqueza humana de sempre.

Desconheço totalmente como veio parar a minha casa o vosso calor de uma humanidade em estado de Esperança, que ao longo de dezenas e dezenas de anos não tem encontrado na sociedade portuguesa o tratamento que com inteira justiça merece.

Não sei como, repito, apareceu o vosso jornal nas mi-

nhas mãos e nas do meu filho, rapazola de 11 anos, e de minha mulher. Eu que conheci Cristo aos 27 anos de idade, e para rezar o Pai Nosso tive que o escrever porque não sabia nada desta nossa Santa Igreja! Nunca tive educação religiosa. Encontro hoje no meu total empenhamento vocação para seguir Cristo com as implicações que isso obriga; e, por isso, e só por isso, compreendo a vossa Obra, embora mal a conheça.

É certo que a sociedade de hoje, pretendendo ser mais justa na teoria, despreza milhares na prática; a contradição é flagrante. Cabe, sem dúvida, a nós cristãos um papel importante para repor e ordenar a verdade onde a injustiça é gritante.

Os meus recursos económicos são escassos. Por essa razão sempre que possa enviarei o produto das minhas poupanças pessoais para serem acumuladas no vosso tesouro juntamente com as minhas humildes orações.

Por agora seguem 100\$00.

Desculpem este pequeno desabafo e recebam um abraço de amizade para todos.»

● «As minhas mais alegres e fraternais saudações.

Sou um jovem, daqueles que

procuram viver com os pés assentes na terra, para quem a vida tem sido muito difícil mas, talvez por isso mesmo, cheia de significado, plena de sentido e de coisas boas e más, mas palpáveis. Por tudo isto, é com grande satisfação que gosto de ver os vossos rapazes na rua que, às vezes, no café, me vêm oferecer o vosso jornal O GALATO. Que gosto ver esses pequeninos a lutar por uma vida melhor, uma vida digna. Um grande abraço para todos vós e o pedido de que não desanimem, pois lutar é viver.

A importância que vos envio, tal como a carta mostra, é uma dádiva anónima para a vossa Obra, por uma Graça concedida por Deus Nosso Senhor. Que ela contribua para melhoria da vida e condições dos mais necessitados. Aliás, hoje apenas vos envio metade da quantia que vos é devida pela minha prece; no entanto, dentro de muito breve tempo, creio poder totalizar a quantia devida (mil escudos).

Bons amigos, gostaria de vos dar uma palavra mais de ânimo, de esperança, de alegria, mas o meu coração é demasiadamente pequeno, egoísta, fútil e materialista, pelo que, apenas tenho coragem para vos dizer que lutem por uma

Doutrina

Continuação da PRIMEIRA página

coisa não, mas o pão é pão. É deste pão que eu desejo dar... para ter fartura de pão. Deste pão que é a economia dos trabalhadores. Deste, sim, que constitui a verdadeira riqueza de uma Nação.

Estes operários que eu vejo a comer o caldo na mata e à noite outra vez em casa, são outros tantos retirados às legiões de famintos ou subalimentados. A um perguntei eu se o jornal lhe dava. Que sim. «Compramos o pão e o azeite e ainda guardamos algum para quando não há trabalho.» Ora da suficiência deste e outros a quem ajudamos é que procede a espantosa abundância em que vivemos. Não se procure; não se vá a outra parte; a causa é esta. Está escrito. Se assim não acontecesse eu saía pelo mundo fora a negar o Eterno, assim como fazem os detentores de fortunas improdutivas; os que entesoiram e mais nada; os que se desligam da sorte dos seus Irmãos; os que empobrecem e matam o Semelhante. Estes negam o Juízo Final, muito embora com seus lábios digam que Deus existe.»

HOMENS D'AMANHÃ

«Queridos amiguinhos

Lembrámo-nos hoje de vos escrever uma carta.

Foi a senhora Professora que nos falou de vocês e nos mostrou os vossos jornais. E até já gostamos de vocês. Então vocês vivem contentes?

No nosso livro de leitura vem um texto a falar da Casa do Gaiato e por aí já sabemos muitas coisas de vocês. Temos pena da nossa terra ser longe porque gostávamos de vos fazer uma visita.

Então as batatas este ano estão boas? Temos ouvido dizer que vocês trabalham muito. Nós também ajudamos os nossos pais na agricultura.

Que animais têm vocês?

Resolvemos mandar-vos alguma coisa. Vai um cheque passado pela nossa Professora, mas também é dado por nós.

Desculpem ser pouco, mas nós também não temos muito.

Pedimos muito que nos deem resposta até cinco de Julho porque depois disso já estamos em férias.

Terminamos, enviando muitos beijinhos para todos, de modo especial para os «Batatinhas».

Os alunos da 2.ª Fase da Escola de Cardigos.»

Esta carta, recebida na véspera de S. Pedro, é um documento significativo — pela acção da Professora, pelo amor ao Trabalho, pelas perguntas formuladas, pela ansia de um Mundo Melhor, pela generosidade dos pequenitos, etc.

O nosso «Eusébio», na qualidade de chefe-maioral, e correspondendo ao solicitado — «pedimos muito que nos deem resposta até cinco de Julho porque depois disso já estamos em férias» — escreveu pelo seu punho, na volta do correio, em nome da Comunidade.

Assim se constrói um País novo, sem demagogia!

Assim se constrói a Paz; com simplicidade, com fraternidade, com verdade, pela mão das Crianças e da Juventude — os Homens d'amanhã!

Quem dera entendamos, humildemente, a profundidade deste naco de País real e de Boa Nova em nossos dias; quem dera! Todos os homens, sobretudo os mais responsáveis.

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Galato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa